



Centofanti, um *outsider* na historiografia da Psicologia (05.10.1948 – 12.08.2020)

**Centofanti, an outsider in the Historiography of Psychology
(5th October 1948 – 12th August 2020)**

Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Rogério Centofanti faleceu no dia 12 de agosto de 2020. Estava internado há quase um mês, no que parecia ser outra complicação de câncer – que vinha tratando desde 2015 – mas que se revelou como mais um caso de COVID-19. Isto, para as estatísticas. Para sua família e para aqueles que, como eu, se consideravam, acima de tudo, seus amigos, foi uma perda irreparável. Mais um motivo para o desejo de apagar o ano de 2020 de nossa memória, de nossa vida.

Mas sabemos que aquilo que vivemos encontra formas de permanecer, seja porque, como os gregos, continuamos construindo estelas que nos ajudem a lembrar, seja porque o passado escondido se mantém como um resquício que incomoda, que quer sair à luz.

Nada mais contrário à vida de Rogério que ficar na escuridão. Sua imensa curiosidade o levava a pesquisar, investigar, descobrir inúmeros lugares novos. Seguindo seu caminho, melhor, então, iluminar sua trajetória de vida.

Bacharel em Psicologia e mestrando de um curso de Filosofia não concluído, Rogério foi, profissionalmente, um consultor organizacional, atendendo e fazendo consultoria internacional para empresas como Nestlé e MWM motores. Atuou também na Vale do Rio Doce. A partir do final de 2010, voltou a atuar em sindicatos, agora como consultor nas ferrovias da zona sorocabana, por meio do Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários de Trens de Passageiros (SINFERP).

Não foi esta, contudo, sua primeira opção profissional. Depois de correr um pouco pelo mundo com a Marinha Mercante, em seu retorno às suas bases no interior paulista resolveu cursar Psicologia, o que fez na Universidade de Mogi das Cruzes. Graduando-se em 1978, ingressou no magistério superior na própria Universidade de Mogi das Cruzes e na antiga Universidade do Grande ABC. Ao mesmo tempo, mantinha uma ativa vida sindical, com muita proximidade com o Partido dos Trabalhadores, pelo qual se candidatou a deputado estadual. Esta militância levou à sua demissão, em 1994, das instituições privadas de ensino em que trabalhava e, pior que isto, o tornou uma *persona non grata* no sistema



universitário da região. Isto, vamos lembrar, em plena Nova República e na vigência da Constituição de 1988, a “Constituição Cidadã”, como queria Ulysses Guimarães.

Duas, entre outras, foram as consequências deste episódio. Por um lado, o ingresso na área de consultoria organizacional. Por outro, Rogério gostava de contar que, após sua demissão, bem no jeito italiano de ser, havia feito uma grande fogueira e queimado todos os seus livros. Aos poucos, contudo, descobria-se que nem todos haviam ido para o fogo. Pelo menos a base de seu grande trabalho foi preservada.

Aqui entramos na seara que fez de Rogério, de um *outsider* à academia, como o próprio se nomeava, um personagem relevante para a própria academia!

No curso de graduação, seu grande interesse havia sido a Psicologia Experimental e, paralelamente a ela, a História da Psicologia. Ou seja, não pretendia tornar-se um psicólogo experimental mas compreender, teórica e epistemologicamente, o modelo experimental utilizado na Psicologia, ou, como dizia, a “atitude experimental”, de rigor empírico e respeito às fontes. Em sua entrevista ao Boletim da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, em 2019, Rogério cita textualmente o trabalho de Annita de Castilho e Marcondes Cabral, “A Psicologia no Brasil” de 1950, como o disparador de seu interesse por Radecki e pelo Laboratório por ele dirigido: “Meu texto de 1980, publicado em 1982, teve início em informação superficial sobre a existência de Radecki e do laboratório da Colônia de Psicopatas, obtida no clássico de Annita Cabral” (Centofanti, 2018, p. 61). E haja citação rápida! Cabral (1911-1991), em seu texto, está se referindo ao trabalho de Nilton Campos (1898-1963) e, no meio de um grande parágrafo, diz: “Junto à sua cadeira há atualmente um Instituto de Psicologia, que já tem uma história mais longa que a da própria faculdade¹, tendo sido dirigido nos seus inícios (1925-1932) pelo psicólogo polonês W. Radecki, de quem o atual diretor foi assistente” (Cabral, 2004, p. 64). Ou seja, Cabral não havia se dado conta da relevância de Waclaw Radecki (1887-1953), mas este não passou despercebido para Rogério.

Rogério utilizou então um período de férias e se transferiu para o Rio de Janeiro, para investigar o Laboratório e o personagem. Ficou um mês no Rio, período em que, por intermédio de Antonio Gomes Penna (1917-2010), que fora assistente de Nilton Campos, chegou a Jayme Grabois (1908-1990), por sua vez antigo assistente de Radecki no Laboratório de Psicologia na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro e que lutara pela reativação do Instituto de Psicologia que

¹ Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, criada em 1939 e extinta em 1968, com a Reforma Universitária da ditadura militar.



sucedera a este órgão. Fez inúmeras entrevistas com Grabois, que inclusive o recebeu para almoço em sua casa. Penna, em seus apontamentos sobre a História do Laboratório, relata que pouco sabia sobre ele e Radecki, porque Nilton Campos dificilmente os mencionava. E assim se refere a Rogério:

Limitamo-nos a considerar apenas algumas das principais contribuições para a História da Psicologia no Rio de Janeiro, detendo-nos em nomes não devidamente avaliados até agora. A primeira delas aponta para a contribuição de Waclaw Radecki (1887-1953). Sobre ela existe um magnífico estudo realizado por Rogério Centofanti, ao qual, de resto, tivemos acesso em sua fase de elaboração. Em grande parte, fundamenta-se em depoimentos pessoais, tomados de antigos assistentes de Radecki, de resto, cremos que o último sobrevivente do grupo. Referimo-nos ao ilustre psicólogo, psiquiatra e psicoterapeuta Jayme Grabois. Mas apoia-se também, em abundante documentação, constituindo-se num texto exemplar de História da Psicologia (Penna, 1992, p. 15)

Penna aqui se refere ao que tornou o artigo de Rogério, decorrente desta pesquisa, um clássico da historiografia brasileira². *Radecki e a Psicologia no Brasil* (Centofanti, 1982), publicado em um dos primeiros números de *Psicologia: Ciência & Profissão*, periódico do Conselho Federal de Psicologia que se tornaria nos anos seguintes um dos mais sólidos e relevantes na historiografia da psicologia no Brasil, uma, como até então não havia acontecido no país, testemunhos orais e fontes escritas. Rogério diz que rodou os sebos do Rio de Janeiro para encontrar os trabalhos publicados por Radecki. Isto, é mister salientar, não fazia parte do modelo de historiografia existente no país, como pode ser visto no livro organizado por Mitsuko Antunes, *História da Psicologia no Brasil – primeiros ensaios* (2004).

Este livro decorreu de um projeto do Conselho Federal de Psicologia, construído em 1999 e intitulado “Memória da Psicologia Brasileira”, à época, coordenado por mim. Em articulação com o Grupo de Trabalho (GT) de História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), propusemos uma série de atividades. Entre elas, estava a reedição de vários livros relevantes bem como a publicação do livro citado acima e que reuniu textos que se encontravam esparsos sobre a história da Psicologia, publicados desde a década de 1940 até a década de 1990 – a criação do GT de História da Psicologia na ANPEPP, em 1996, é um marco, representando um “antes” e um “depois” na historiografia.

² Como fui encarregada de fazer o contato com Rogério para autorização da republicação de seu texto, ele costumava dizer que eu o havia transformado em um “crássico”.



Enfim, nada mais justo que o trabalho de Rogério Centofanti fizesse parte dos oito “ensaios” selecionados. Mas, se lemos os textos, percebemos que o de Rogério destoa dos demais. Estes são quase todos trabalhos sob encomenda, para uma palestra ou para uma publicação específica, e narram, em linhas gerais, uma história do desenvolvimento da disciplina no país. O texto de Rogério difere deste conjunto, não só por se tratar de uma narrativa sobre uma instituição específica e de seu mentor e diretor, como por fazer uso de muitas fontes primárias. E traz à tona uma “origem” para o Instituto de Psicologia da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, visto que inclusive os aparelhos experimentais do Laboratório de Radecki foram depois para este Instituto (Autuori, 2010).

Mas a demissão fez com que Rogério abandonasse as pesquisas. Somente com o reconhecimento pelo CFP houve um retorno ao seu objeto de estima, os laboratórios experimentais. Várias publicações foram feitas a partir de 2002 e nelas podemos ver duas direções: a busca de uma melhor compreensão do Laboratório de Radecki – inclusive do sistema teórico do “discriminacionismo afetivo” que o diretor propunha – e a investigação dos laboratórios nas escolas normais paulistas, principalmente o Laboratório da “Escola Normal da Praça”, nome pelo qual ficou conhecida a Escola Normal de São Paulo. Esta Escola mereceu um belíssimo livro ilustrado, feito em conjunto com a historiadora Maristela Bleggi Tomasini, sua companheira nos últimos anos: *O Livro dos Cem Anos do Laboratório de Psicologia Experimental da Escola Normal Secundária de São Paulo (1914-2014)*. Este se encontra disponível no blog³ que foi sua última criação, uma forma de dar vazão à sua intensa vitalidade. Nele, mesclava pensamentos sobre o contemporâneo com recordações pessoais.

Seus últimos escritos, para além do blog, foram os verbetes sobre Radecki e sua esposa, Halina Radecka (1897-1980) para *The Palgrave Biographical Encyclopedia of Psychology in Latin America*, obra ainda não publicada.

Convivemos durante vinte anos, principalmente de forma virtual. Talvez tenhamos nos encontrado presencialmente umas dez vezes, se tanto. Ao escrever isto, me dei conta de que este é o modo de relacionamento que estamos vivendo agora, na pandemia, que mantém nossos contatos restritos à virtualidade. Hoje, isto nos parece insuficiente, precário. Mas, naqueles tempos, nossa relação não nos causava estranheza.

Dos encontros possíveis, alguns foram durante os eventos Clio-Psyché. Fico muito feliz em constatar que nos dois últimos anos, 2018 e 2019, contamos com a presença de Rogério e Maristela em nosso Laboratório. Observamos aí um

³ <https://nadamaismoqueideias.blogspot.com/>



fenômeno interessantíssimo, uma espécie de “encantamento” dos jovens pesquisadores do Clio com aquele personagem lendário, famoso tanto pelo que se comentava a seu respeito como porque era referência obrigatória para compreender um pouco de nossa história da psicologia.

Um *outsider*, sem dúvida. Com quem muito aprendemos e que trouxe uma contribuição fundamental para o resgate da história de nossa disciplina. Ao Rogério, nossa gratidão.

Referências

Autuori, M. (2010). *Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Encontrando os caminhos de uma história*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Cabral, A. C. M. (2004). A psicologia no Brasil. Em M. A. M. Antunes (Org), *História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios* (pp. 177-208). Rio de Janeiro: EdUERJ (Obra original publicada em 1950).

Centofanti, R. (1982). Radecki e a Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 3(1), 2-50. doi:10.1590/S1414-98931982000100001

Centofanti, R. & Tomasini, M. B. (2014). *O livro dos cem anos do laboratório de psicologia experimental da escola normal secundária de São Paulo*. São Paulo: n.e.

Centofanti, R. (2018). Um “pesquisador de episódios passados da psicologia no Brasil”: entrevista com Rogério Centofanti/Entrevistador: Luiz Eduardo Prado da Fonseca. *Boletim SBHP 1* (Vol. 2), Sociedade Brasileira de História da Psicologia, Rio de Janeiro. Recuperado de <http://sbhpsi.com.br/wp-content/uploads/2014/09/BOLETIM-V1N2-DEZ2018.pdf>

Penna, A. G. (1992). *História da Psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago.

Publicações de Rogério Centofanti

Centofanti, R. (2001). Radecka, Halina. Em R. H. F. Campos (Org), *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros* (pp. 312-314). Rio de Janeiro: Imago.

Centofanti, R. (2002). Ugo Pizzoli. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(1), 75-93. Recuperado em 29 de outubro, 2020, de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7708>

Centofanti, R. (2003). O discriminacionismo afetivo de Radecki. *Memorandum*, 5, 94-104. doi:10.35699/1676-1669.2003.6801



- Centofanti, R. (2004). Radecki e a Psicologia no Brasil. Em M. A. M. Antunes (Org), *História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaios* (pp. 177-206). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Centofanti, R. (2006). Os laboratórios de psicologia nas escolas normais de São Paulo: O despertar da psicometria. *Psicologia da Educação*, 22(1), 31-52. Recuperado em 29 de outubro, 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000100003
- Centofanti, R. & Jacó-Vilela, A. M. (2007). O laboratório de psicologia na Colônia de Psicopatas em Engenho de Dentro. Em R. H. F. Campos & R. C. Vieira (Orgs), *Instituições e Psicologia no Brasil* (pp. 179-204). Rio de Janeiro: Nau.
- Centofanti, R. (2011). Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro – 1924-1932. Em A. M. Jacó-Vilela (Org), *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil* (pp. 355-356). Rio de Janeiro: Imago.
- Centofanti, R. (2011). Laboratório de Psicologia na Escola Normal Secundária de São Paulo: 1912-1930. Em A. M. Jacó-Vilela (Org), *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil* (pp. 357-358). Rio de Janeiro: Imago.
- Jacó-Vilela, A. M. & Centofanti, R. (2012). Waclaw Radecki y Emilio Mira en la psicología de los tropicos. *Temas de Historia de la Psiquiatria Argentina*, 15(32), 50-56. Recuperado em 29 de outubro, 2020, de <http://www.cliopsyche.uerj.br/wp-content/uploads/Waclaw-Radecki-y-Emilio-Mira-en-la-psicolog%C3%ADa-de-los-tr%C3%B3picos.pdf>
- Centofanti, R., Tomasini, M. B. (2014). *O livro dos cem anos do laboratório de psicologia experimental da escola normal secundária de São Paulo*. São Paulo: n.e.
- Centofanti, R. (2014). Teoria, método e aplicação na obra de Waclaw Radecki. Em A. M. Jacó-Vilela & F. T. Portugal (Org), *Clio-Psyché: Instituições, História, Psicologia* (Vol. 1, pp. 59-70). Rio de Janeiro: Outras letras.
- Centofanti, R. (2016). O laboratório de Pedagogia Experimental. Em P. Golombek (Org), *Caetano de Campos: A escola que mudou o Brasil* (pp. 334-339). São Paulo: Edusp.
- Centofanti, R. (2018). *Um "pesquisador de episódios passados da psicologia no Brasil": entrevista com Rogério Centofanti/Entrevistador: Luiz Eduardo Prado da Fonseca*. Boletim SBHP 1(Vol. 2), Sociedade Brasileira de História



da Psicologia, Rio de Janeiro. Recuperado de <http://sbhpsi.com.br/wp-content/uploads/2014/09/BOLETIM-V1N2-DEZ2018.pdf>

Nota sobre a autora:

Ana Maria Jacó-Vilela é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com.

Data de recebimento: 18 de agosto de 2020.

Data de aceite: 06 de outubro de 2020.